

MARIE  
ROBERT

NÃO SABE  
O QUE  
FAZER?



PERGUNTE  
AOS  
FILOSOFOS!

SABEDORIA ATEMPORAL  
PARA DILEMAS MODERNOS

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# MARIE ROBERT

NÃO SABE  
O QUE  
FAZER?

PERGUNTE  
AOS  
FILOSOFOS!

*Tradução*

KARINA BARBOSA DOS SANTOS

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Marie Robert, 2018

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021

Copyright © Karina Barbosa dos Santos

Todos os direitos reservados.

Título original: *Kant tu ne sais plus quoi faire: il reste la philo*

*Preparação:* Max Welcman

*Revisão:* Paula Queiroz e Carmen T. S. Costa

*Diagramação:* Dimitry Uziel

*Capa:* Eduardo Foresti/Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Robert, Marie

Não sabe o que fazer? Pergunte aos filósofos! / Marie

Robert; tradução de Karina Barbosa dos Santos. -- São

Paulo: Planeta do Brasil, 2021.

144 p.

ISBN 978-65-5535-420-1

Título original: *Kant tu ne sais plus quoi faire: it  
reste la philo*

1. Autoajuda 2. Filosofia I. Título II. Santos, Karina  
Barbosa dos.

21-2294

CDD 158.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Autoajuda 2. Filosofia

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	9
<b>Spinoza na loja de departamento</b> OU O DESEJO E SUAS CONTRARIEDADES	13
<b>Aristóteles e a ressaca</b> OU A CRENÇA NA EXPERIÊNCIA	25
<b>Nietzsche e os tênis de corrida</b> OU A SUPERAÇÃO DE SI MESMO	35
<b>Nada de tragédias no Jardim de Epicuro</b> OU A ÉTICA EM PLENA CONSCIÊNCIA	45
<b>Platão e os encontros românticos</b> OU AS VERTIGENS DO AMOR	55
<b>Assim como Pascal, todos morrem no final</b> OU APRENDER A CONGELAR O TEMPO	65
<b>Levinas é o melhor remédio</b> OU A CRISE DO ADOLESCENTE VS. A CRISE DO OUTRO	75
<b>Heidegger e a razão</b> OU SOBREVIVER À MORTE DO SEU CÃO	85
<b>Kant e o fim do relacionamento</b> OU A RAZÃO SE DIVORCIA DA PAIXÃO	95
<b>Bergson lança uma startup</b> OU O TRABALHO COMO CRIAÇÃO DO SER	105
<b>Wittgenstein, meus sogros e eu</b> OU CULTURA E DIVERSIDADE	115
<b>Um presente nota Mill</b> OU OS CUIDADOS DA VERDADE	125
<b>Agradecimentos</b>	139

**SPINOZA NA  
LOJA DE  
DEPARTAMENTO**

OU O DESEJO E SUAS CONTRARIEDADES



Sábado 9h54 – Você acorda com a sensação gostosa de ter quarenta e oito horas só para você. Dois dias de prazeres ociosos, cafés longamente saboreados, leituras inspiradoras, jantares compartilhados e esportes sem culpa. Essa doce plenitude invade você por completo quando, de repente... você percebe que a prateleira do seu quarto, sua preciosa e fiel estante de livros, pode desmoronar a qualquer momento, com o peso dos tesouros que contém. Com certeza, a culpa é dos doze livros de meditação que você comprou no ano passado, dos álbuns de fotos da escola, das lembranças trazidas da Índia no verão de 1998 e das enciclopédias que você nunca quis doar, mesmo com milhões de sites confiáveis na internet. A solução certamente seria fazer uma limpa, mas você gosta demais desses objetos e não consegue se separar deles. Até porque você poderia simplesmente colocar mais uma estante ao lado da antiga, para guardar novas lembranças.

Assim, tomada por uma onda de entusiasmo, você consegue convencer sua alma gêmea a ir tomar café da manhã no templo do entretenimento adulto: uma loja de departamento. Um lugar cheio de corredores tão familiares e tão reconfortantes que acompanham você desde a montagem do seu pri-

meiro quarto de estudos. A madeira, os conceitos, os nomes simpáticos e impronunciáveis, a boa vontade dos atendentes, enfim, o plano perfeito. O carro está pronto, o porta-malas está vazio, pronto para receber suas descobertas, porque, além de comprar uma estante, você percebeu que também precisa trocar as painéis, a roupa de cama, o suporte da tevê e comprar uma linda mesa de centro para embelezar a sala de estar.

Catálogo na mão, você já analisou com detalhes as páginas que lhe interessavam. Você entra na loja com um sorriso no rosto, diante de tantas possibilidades escondidas pelos corredores. O percurso começa mais fácil que arborismo. Você segue as setas no chão, abrindo mão do livre-arbítrio e seguindo o caminho marcado. Na primeira esquina, você pega um pequeno lápis de madeira e fica feliz como uma criança. Admirada, você contempla os apartamentos decorados que comprovam que é possível viver tão bem em um *loft* como em um apartamento de dezoito metros quadrados, e que a felicidade está nas elegantes soluções de organização.

Você continua sua caminhada de luxúria, provando um fascínio pela seção de cama, mesa e banho, delimitada por um cartaz que parece um mantra ou o conselho de um terapeuta familiar: “O quarto? Separar sem dividir”. Na seção infantil, suas pernas começam a ficar bambas. Já faz duas horas que você está andando pelos corredores. Seu carrinho já tem uma manta de tecido sintético, três pacotes de guardanapos de papel com desenhos de renas e duas conchas de plástico, que, sem dúvida, serão úteis no dia em que você fizer a dieta da sopa. Você é dominada por essa vontade irresistível, esse impulso que leva você a dizer que existir é perseverar em seu desejo de gastar.

Você tenta acelerar o ritmo, mas se deixa levar pela visão de um adorável crocodilo de pelúcia. Seu parceiro começa a levantar ligeiramente a voz:

“E esse bicho de pelúcia, vai acabar igual ao do ano passado? Nas profundezas da adega? Vai fazer companhia para as traças?”

Envergonhada, você enfrenta sua frustração e passa com o carrinho sobre os pés dele, fingindo não ter escutado seu grito de dor. Em seguida, em um arroubo de eficiência, você tenta resistir ao caminho imposto, chegando ilegalmente ao corredor dos móveis de escritório, passando por cima de uma cadeira de três pés com um *design* caprichado. No corredor de iluminação, num misto de raiva e calor, você pinga de suor. Mastigar a ponta do seu lápis de madeira não é suficiente para acalmá-la.

Depois de alguns momentos perambulando, chegou a hora de entrar na seção de organização. O problema é que você perdeu as referências dos produtos que lhe interessaram, seu catálogo ficou em cima de uma pilha de porta-toalhas. Irritada, você pega um monte de coisas. Nada parece acalmar seu nervosismo. Você pensa em desistir no momento em que seu parceiro pergunta:

“Quem é que vai carregar tudo isso?”

Num gesto de raiva, você pega uma parafusadeira, com um forte sentimento de independência. O que está acontecendo? Você mudou. O poder que você sente crescer não pode ser contido, você tentou em vão seguir os discursos sobre a sociedade de consumo, mas aqui, neste momento, seu desejo é ilimitado, sua duração é indefinida.

É o começo do caos. Você se enganou: a mesa de café não é do tamanho que você imaginava. Você ouve, ao longe, um indivíduo gritando:



“Mas você não tinha medido antes?”

O suporte da tevê, tão refinado em papel brilhante, está com a madeira compensada visível demais, e aquele cabideiro que adorou, você já tinha visto no escritório e na última casa de temporada do hotel onde se hospedou. Você se incomoda com a conformidade. Isso não a impede de ficar em fúria, pegando quatro velas vermelhas com perfume de frutas vermelhas e baunilha, duas caixas de pratos e uma mandioca de plástico, que você logo esconde em sua sacola de compras amarela. Você não sabe mais aonde seu desejo a está levando.

Seu acompanhante olha para você com desprezo, você passa para ele a mesma sensação de quando ele quebra uma lâmpada ao jogá-la no carrinho. A luta termina na seção de autoatendimento, onde você se sente diminuída por essas pilhas de pacotes até o teto, promessas de noites inteiras para tentar usar uma chave de fenda. Seus pertences estão escondidos em algum lugar entre os corredores B18 e D24. Você pega o celular para encontrar as referências dos produtos que estavam salvos, convencida de que logo estará livre.

Então, horrorizada, você descobre que seu celular está desligado: acabou a bateria. Ou você recomeça toda a jornada, ou se despede da sua mobília. Seu desejo não foi realizado. Nos minutos que se seguem, você está quase em transe, soluçando, xingando, desanimada, segurando um recibo de 236 euros da compra de objetos que você nem sabe direito para que servem. Exausta, você pega o carro de novo. Você só queria comprar uma estante, mas seu porta-malas está prestes a explodir. São sete e catorze da noite, e os engarrafamentos da região fazem você ter plena consciência das suas dores, do seu suor, da sua angústia infinita, e do seu ódio profundo pelas lojas de departamento.

## E O QUE SPINOZA TEM A DIZER SOBRE TUDO ISSO?

É importante admitir, desde já, que Spinoza nunca quis comprar uma estante de livros. Por outro lado, o desejo, a virtude, a adversidade e tudo o que se segue, o filósofo Spinoza – de primeiro nome Baruch – conhece muito bem e faz todos os esforços para que você não se sinta culpado.

O primeiro mérito de seu pensamento, em caso de depressão pós-sábado na loja de departamento, é nos fazer entender os mecanismos de nossa humanidade e, portanto, de nossas ações. Ele nos conforta e explica que cada indivíduo é caracterizado por um *conatus*. Não entre em pânico, esse termo estranho é menos assustador do que parece, ele apenas descreve um impulso. Um tipo de força que nos leva a sair da cama de manhã e experimentar a alegria de viver. Vamos resumir um pouco. Para Spinoza, o ser humano faz parte da Natureza, que foi criada por Deus. Assim, todo ser humano é o representante dos superpoderes divinos. Como tais, estamos cheios de uma forte energia vinda diretamente do céu, vigorosamente determinados a preservá-la, e fazemos grandes esforços para mantê-la intacta. O *conatus* é nossa área protegida, a coisa que não precisamos tocar, e que nos torna criaturas naturais (e não personagens de videogames).

Esse *conatus* muitas vezes leva outro nome, mais difícil de rimar, mas um pouco mais conhecido: o *desejo*. E é nesse assunto que Spinoza se torna um excelente terapeuta, do tipo que gostaríamos que tivesse um podcast para ouvir todas as tardes durante as compras. Em sua filosofia, o desejo, o apetite, a vontade, o impulso tornam-se valores universais, que constituem a nossa natureza profunda e nos enchem de

vida. Não há necessidade de lutar, é impossível se livrar desse desejo, porque é ele que mostra que estamos vivos. Mais que um defeito, ter desejo é na verdade uma boa notícia, é sinal de que fazemos parte da lista VIP da comunidade humana. Ele chega a escrever: “O desejo é a essência do homem”. Não pode ser posto de lado, contado, cronometrado, porque o desejo – esse pequeno *conatus* – é infinito. Só a morte pode pará-lo; uma conta bancária no vermelho ou uma dívida de apartamento com certeza não podem. O desejo é a testemunha da nossa vida. Mas, cuidado, não basta se levantar para senti-lo, ele não existe de modo abstrato, ao vento. Muito pelo contrário! O desejo só pode ser mostrado por meio de situações, como ir a uma loja de departamento, por exemplo, e sonhar diante de pacotes de guardanapos de papel. É dentro de um contexto que ele se agita e inflama nossos pensamentos.

Moralidade, segundo o filósofo, ocorre quando, por exemplo, você tem desejos novos a cada semana – uma viagem, um café, um encontro, uma atividade, ou um novo objeto –, não são meros caprichos, é apenas o seu *conatus* spinozista se expressando. Nós estamos vivos, por isso é normal que nosso desejo se expresse, ele faz parte do esforço que nos mantém despertos e que nos torna representantes honrados da natureza divina. De forma quase inconsciente, ao tentar analisar nossos impulsos, Spinoza marca um ponto e diminui alguns graus a pressão sobre nós, evitando que fiquemos angustiados, e nos dizendo que tudo isso é, por fim, uma ótima notícia.

Mas isso não é tudo. Como Baruch é decididamente um homem prestativo, ele também está por perto para acalmar a

tempestade nos dando alguns conselhos valiosos sobre a virtude. Cuidado, ser virtuoso para ele não é fazer tratamento de desintoxicação toda semana, nem se proibir de falar mal de um colega, nem deixar de dançar ao som de Beyoncé, nem parar de fazer compras em lojas de departamento. É, antes de tudo, adquirir um verdadeiro conhecimento de nossas paixões, entender o dinamismo que existe em nós, para sermos capazes de definir o que nos faz bem. É essa escuta do real e de nós mesmos que nos permite alcançar a plenitude, a serenidade tão buscada. O sábio não é aquele que é razoável, mas aquele que tem acesso a um conhecimento real de si mesmo e das coisas ao seu redor, que passa a entender o que nos instiga como algo que nos agrada. Ter desejo é normal, e até mesmo benéfico, mas o essencial é aprender a reconhecê-lo para que sejamos menos aborrecidos e, portanto, mais animados quando ele se manifestar. Ser virtuoso não é reprimir o *conatus*, é fazer dele um conhecido.

Da próxima vez que você for a uma loja de departamentos, pense em Spinoza, parabeneze-se por estar vivo e cheio de desejos. E lembre-se de reservar alguns momentos para se ouvir e pergunte a si mesmo se você realmente quer o que está comprando. Sem dúvida, o final do dia será um pouco mais virtuoso e, acima de tudo, muito menos doloroso.

### UM POUCO MAIS SOBRE SPINOZA (1632-1675)

Nascido em 24 de novembro de 1632, em Amsterdã, Spinoza teve uma vida particularmente agitada. Condenado pela comunidade judaica em 1656 por ter ideias contrárias

à religião, foi forçado a viver longe de sua família. E, somente em 1677, após a sua morte, foi publicado seu livro *Ética*, que se tornaria um incrível best-seller. Seu projeto era estabelecer uma filosofia prática que permitisse ao homem, com toda a tranquilidade, alcançar a liberdade. Precursor do desenvolvimento pessoal e grande intelectual, Spinoza se pergunta: “Como combater as paixões que nos devoram e nos opõem aos outros?”, “Quais são as alegrias e os desejos que afirmam plenamente nossa personalidade?”, “De que modo o homem pode sair de sua passividade e alcançar uma ação real?”, tudo reunido em forma de sistema, misturando reflexões sobre Deus, a Natureza e até a geometria. Spinoza é essencial para a filosofia.

**LEIA PARA ENFRENTAR A CRISE**

*Ética*

Planeta

Nessa obra, publicada postumamente para evitar a censura, Spinoza desenvolve suas ideias à maneira dos matemáticos, encadeando propostas deduzidas rigorosamente umas das outras. Ele examina, por sua vez, Deus, a liberdade, as paixões, para desenvolver uma nova definição do sábio.

### **PÍLULAS FILOSÓFICAS**

- O desejo é apenas a prova de que somos seres humanos. É a expressão da maravilhosa força vital que nos permite levantar de manhã.
- O desejo não existe para ser combatido, é irreprimível e infinito, é melhor reconhecê-lo quando ele se expressa, em vez de se culpar.
- A sabedoria é adquirida através do autoconhecimento. Nada é condenável, só precisamos saber quem somos e para onde estamos indo. Precisamos aprender a ouvir.



# Planeta